

SOBRE A FIGURA DO IMPERADOR CLÁUDIO NA APOCOLOCYNTOSIS, ATRIBUÍDA A SÊNECA O JOVEM: PARÓDIA HISTÓRICA E PROJETO POLÍTICO

Acácio Luiz Santos¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo perfazer uma investigação da particular forma de representação do imperador romano (41-54 dC) Cláudio na sátira *Apocolocyntosis*, ou *Divertimento sobre o Divino Cláudio*, atribuída a Sêneca o Jovem, e publicada anonimamente logo após a morte do imperador. Procurarei destacar alguns aspectos relevantes da mesma, da seguinte forma: inicialmente, aponto a paródia do relato histórico promovida pelo autor, bem como os procedimentos deste que tornam a figura histórica do imperador uma personagem cômica, confrontando, sempre que for pertinente, tal figura com a descrita por eminentes historiadores da época, como Suetônio e Tácito; finalmente, em terceiro lugar, denuncio uma discrepância proeminente no tom satírico do texto, especialmente significativa para o desvendamento da particular afeição política do autor. Com isso, espero contribuir para o estudo das relações entre história e literatura em Roma Antiga, em especial no turbulento século I dC.

SÁTIRA E HISTÓRIA, PARÓDIA E VEROSSIMILHANÇA

A *Apocolocyntosis*, sátira em 15 pequenos livros (ou capítulos) que nos chegou quase em sua íntegra, revela-se, desde o seu início, um texto surpreendente. Após anunciar seu propósito, o de narrar um acontecimento original passado no céu no decorrer do ano anterior (54 dC), o autor, sob o pretexto de angariar verossimilhança ao seu relato, observa:

“Haec ita vera si quis quaesiverit unde sciam, primum, si noluerit, non respondebo. Quis coactus est? Ego scio me liberum factum, ex quo suum diem obiit ille, qui verum proverbium fecerat, aut regem aut fatuum nasci oportere. Si libuerit respondere, dicam quod mihi in buccam venerit. Quis unquam ab historico iuratos exegit?” (Apoc, I)²

“Esta é a plena verdade; se alguém indagar de onde a conheço, em primeiro lugar, se eu não quiser, não responderei. Quem haveria de me obrigar? Eu sei ter-me tornado liberto desde o dia em que faleceu aquele que tornou verdadeiro o provérbio: convém nascer rei ou tolo. Se eu desejar responder, direi o que me vier à boca. Quem alguma vez

¹ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (GLC) do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. E-mail: <santosacacioluiz@yahoo.com.br>.

² SENECA MINOR. *Apocolocyntosis*. Edição *on line*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/sen/sen.apoc.shtml>>. Acesso em: 29 jan. 2009.

exigiu testemunhas do historiador?” [Esta tradução, como todas as deste artigo, é de minha própria laura.]

Podem-se observar nesta passagem vários elementos notáveis. O tom paródico, próprio da sátira, é evidente já na declaração pseudocasuística de boa-fé, “haec ita vera”, bem como na irônica apelação ao direito, próprio de um homem livre, de não responder uma indagação se não o desejar, lembrança de uma grave diferenciação de classes em Roma. O autor acrescenta ainda que dirá o que quiser, sem o compromisso de apresentar testemunhos corroboradores, argumentando que os mesmos não são exigidos dos historiadores em seus relatos. Esta passagem refere-se ironicamente tanto à confiança gratuita do romano culto no relato histórico, quanto à não apresentação de provas documentais dos historiadores em seus relatos, numa das primeiras críticas à produção do discurso histórico em Roma imperial. A seguir, o autor refina seu propósito anunciando que o “acontecimento original” se refere às circunstâncias subseqüentes à morte do imperador Cláudio. Após uma breve passagem mitológica que nos mostra Mercúrio, mensageiro dos deuses e condutor dos mortos aos Infernos, instando as Parcas a finalmente encerrarem a vida do imperador, o autor descreve a sua morte:

“Et ille quidem animam ebulliit, et ex eo desiit vivere videri. Exspiravit autem dum comoedos audit, ut scias me non sine causa illos timere. Ultima vox eius haec inter homines audita est, cum maiorem sonitum emisisset illa parte, qua facilius loquebatur: “vae me, puto, concacavi me.” Quod an fecerit, nescio: omnia certe concacavit.” (Apoc, IV)³

“E ele de tal arte expeliu a alma, e assim foi visto desistir de viver. Ele ora expirou enquanto ouvia uns cômicos; saiba-me, pois, não sem motivo temer a eles. A última fala dele que foi ouvida pelos homens, com o maior volume daquela parte por que muito fácil tagarelava: “ai de mim, penso que me borrei todo.” Se ele o tivesse feito, desconheço: de certo, só que tudo ele borrou.”

Este trecho, em seu aspecto propriamente literário, confirma o gênero sátira, inserindo entre os eventos rápidos comentários sarcásticos, como o temor aos cômicos “non sine causa”, já que Cláudio teria morrido enquanto assistia a eles; a referência à verborragia do imperador, com sua língua “facilius loquebatur”; o dito coloquial, cômico pela discrepância entre o elevado cargo do imperador e o uso vulgar da linguagem, anunciando aos berros “concacavi me”; e, finalmente, o fecho do episódio remetendo a uma “borração” bem mais grave do imperador: seu próprio governo. No entanto, esta passagem se torna historicamente problemática se se tiver em conta o relato histórico, pois, conforme Suetônio:

“(..) Et veneno quidem occisum convenit; ubi autem et per quem dato, discrepat. (..) Multi statim hausto veneno obmutuisse aiunt excruciatumque doloribus nocte tota defecisse prope lucem. Nonnulli inter initia consopitum, deinde cibo affluente euomuisse omnia, repetitumque toxico, incertum pultine addito, cum velut exhaustum refici cibo oporteret, an immisso per clystera[m], ut quasi

³ SENECA MINOR. Idem.

abundantia laboranti etiam hoc genere egestionis subveniretur.”

“Mors eius celata est, donec circa successorem omnia ordinarentur. Itaque et quasi pro aegro adhuc vota suscepta sunt et inducti per simulationem comoedi, qui velut desiderantem oblectarent. (...)” (Suet, Div Claud, XLIV-XLV)⁴

“E assegura-se que foi exterminado por veneno; mas há divergências sobre quando e por quem lhe foi dado. (...) Muitos afirmam que, tão logo ingerido o veneno, ele tenha emudecido e, tendo passado por dores excruciantes durante toda a noite, tenha falecido pouco antes do amanhecer. Outros, que de início ele teve um estupor e, em seguida tudo ele teria vomitado do estômago abarrotado, e repetiu-se-lhe o tóxico, administrado, não ao certo, à punção, como se lhe fora oportuno recompor o estômago exausto, ou injetado por um tubo, como se, tendo sofrimentos em abundância, lhe fora um meio de ajuda para evacuar. Sua morte foi mantida em segredo, até que todos os arranjos a propósito do sucessor fossem postos em ordem. E assim, foram-lhe feitos votos como se ainda em convalescência de doença, e cômicos foram-lhe trazidos para simulação, como se houvessem sido solicitados para o divertirem.”

O relato de Suetônio revela uma informação ausente na *Apocolocyntosis*: a morte de Cláudio, longe de provir de uma determinação das Parcas, deu-se em decorrência de um atentado por veneno. A referência a vômitos e evacuação associa tais eventos ao efeito da droga, portanto. Tal suspeita, que certamente havia de surgir aos olhos dos vários partidários do imperador e dos inimigos de sua esposa, Agripina, é completamente apagada na sátira, que toma os eventos da evacuação para trocar do imperador. Mas há também em Suetônio a referência aos cômicos, só que, no historiador, eles foram enviados ao palácio após a morte de Cláudio, para despistá-la. Há, portanto, na passagem de Sêneca, um apagamento consciente das ameaças (reais) que rondavam o imperador, em proveito da versão que melhor convinha aos partidários inimigos. Mas é o trecho de Tácito em seus *Anais* que descreve com mais detalhes a conspiração contra Cláudio:

“Adeoque cuncta mox pernotuere ut temporum illorum scriptores prodiderint infusum delectabili boleto venenum, nec vim medicaminis statim intellectam, socordiane an Claudii vinolentia; simul soluta alvus subvenisse videbatur. Igitur exterrita Agripina et, quando ultima timebantur, spreta praesentium invidia provisam iam sibi Xenophontis medici conscientiam adhibet. Ille tamquam nisus evomentis adiuveret, pinnam rapido veneno inlitam faucibus eius demisisse creditur, haud ignarus summa scelera incipi cum periculo, peragi cum praemio.”

“Vocabatur interim senatus votaque pro incolumitate principis consules

⁴ SUETONIUS. “Vita Divi Claudii”. In: *De vita Caesarum*. Edição on line. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/suetonius/suet.claudius.html>>. Acesso em: 29 jan. 2009.

et sacerdotes nuncupabant, cum iam exanimis vestibus et fomentis obtegeretur, dum quae res forent firmando Neronis imperio componuntur. (..)” (Tac, Annales, XII, 67-8)⁵

“E tanto deveras por demais conhecidos os fatos que os escritores da época atestam que o veneno foi ministrado em cogumelos apeteceíveis, e embora o efeito da droga não tenha sido percebido, por causa ou da letargia, ou da embriaguez de Cláudio; a evacuação era vista como tendo vindo em sua ajuda e o teria salvo. Por causa disso, Agripina atemorizada, conquanto eram-lhe temidas as últimas conseqüências, teria providenciado para si a cumplicidade do médico Xenofonte, que aderiu à sua causa. Como se ele tivesse vindo ajudar a evacuar, é-lhe acreditado ter introduzido na garganta [de Cláudio] uma pena com um veneno rápido, não de todo ignorante que os sumos crimes são iniciados com grande perigo e são concluídos com prêmio.

Em seguida, o senado foi convocado e cônsules e sacerdotes proclamaram votos em prol do restabelecimento do príncipe, enquanto que seu corpo já inanimado era coberto de compressas e vestes, até que os assuntos concernentes à assunção de Nero fossem estabelecidos.”

Em Tácito, que escreve posteriormente a Suetônio, afirma-se como notório o envenenamento de Cláudio pelos próprios “temporum illorum scriptores”, em mais um depoimento que contradiz a narrativa da *Apocolocyntosis*. Tácito concorda com Suetônio, não se sabe se a partir de fontes comuns, com a administração do veneno na comida do imperador, o mal-estar e a evacuação, e a morte após intensas dores. Tácito acrescenta a participação cúmplice do médico Xenofonte e, o mais importante, atribui a autoria do atentado a Agripina, esposa de Cláudio, autoria esta também mencionada em Suetônio, porém com certas reservas. Não menos importante é a simulação de recuperação do imperador com o intuito de arranjar a sucessão imperial em favor do filho de Agripina, Domício (agora rebatizado Nero), outra concordância com Suetônio. O complô é, destarte, plenamente apagado do texto satírico, em proveito de achaques contra a figura do imperador e seu governo. Em coerência com esta proposta, a sátira de Sêneca deixa de ter um caráter pessoal para assumir um caráter partidário, feita especialmente para inimigos e desafetos do imperador, e derrubar resistências pelo riso e pela mofa. Ou seja, considerando-se o contexto histórico, o texto privilegiará os defeitos de Cláudio, desde os físicos aos de caráter, considerando serem estes últimos mais graves que quaisquer atentados contra este, e, portanto, mais dignos de serem lembrados exagerando-os. Abrindo-se destarte à fantasia, o texto segue com a subida de Cláudio aos céus, no caso, ao Olimpo, para pleitear uma consagração como deus:

“Quae in terris postea sint acta, supervacuum est referre. Scitis enim optime, nec periculum est ne excidant memoriae quae gaudium publicum impresserit: nemo felicitatis suae obliviscitur. In caelo quae acta sint, audite: fides penes auctorem erit. Nuntiatur Iovi venisse quendam bonae staturae, bene canum; nescio quid illum minari, assidue enim

⁵ TACITUS. “Annalium liber duodecimus”. In: *Annales*. Edição on line. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/tacitus/tac.ann12.shtml>>. Acesso em: 29 jan. 2009.

caput movere; pedem dextrum trahere. Quaesisse se, cuius nationis esset: respondisse nescio quid perturbato sono et voce confusa; non intellegere se linguam eius, nec Graecum esse nec Romanum nec ullius gentis notae.” (Apoc, V)⁶

“Mencionar os eventos posteriores que ocorreram na terra é supérfluo. De fato, vós os sabeis muito bem, e não há risco de apagar-se da memória aquilo que assinalou a alegria pública: ninguém olvida a causa de sua felicidade. Dos eventos que ocorreram no céu, ouvi: sua fidelidade cabe ao depoente. Foi anunciado a Jove ter chegado um sujeito de boa estatura, bem encanecido; um não sei quanto de ameaçador, por mexer a cabeça com freqüência; o pé direito a mancar. Foi-lhe inquirido de que nação ele era: respondeu com não sei que timbre perturbado e voz confusa; não se entendeu que língua era a dele, não era grega, nem romana nem de qualquer outro povo conhecido.”

Ao transitar dos “postea acta” da terra para o céu, o autor reforça a morte de Cláudio como um evento feliz, causador do “gaudium publicum”: afirma-se a circulação social do texto como intrapartidária, para o deleite daqueles, como o autor, desafetos do imperador, o que é reforçado pelo pleito de divinização que, embora característico da cultura romana, como diz Harvey, “Esse culto aos imperadores era a prova principal de lealdade ao império”⁷, será impiedosamente ridicularizado quando provém de Cláudio. Chegado assim este ao céu, a novidade logo acode ao senhor dos deuses, Júpiter, com destaque para a descrição satírica do recém-chegado: um indivíduo alto, encanecido, com tiques na cabeça, manco e com dicção turbulenta, onde o autor aproveita esta última característica física negativa para exagerá-la ao grotesco, tornando assim a fala de Cláudio um grunhido indecifrável. Mas será esta descrição acurada? Convém retornar a Suetônio, o qual, em uma outra passagem, descreve o imperador:

“Auctoritas dignitasque formae non defuit ei, verum stanti uel sedenti ac praecipue quiescenti, nam et prolixo nec exili corpore erat et specie canitieque pulchra, opimis ceruicibus; ceterum et ingredientem destituebant poplites minus firmi, et remisit quid vel serio agentem multa dehonestabant: risus indecens, ira turpior spumante rictu, umentibus naribus, praeterea linguae titubantia caputque cum semper tum in quantulocumque actu vel maxime tremulum.” (Suet, Div Claud, XXX)⁸

“Autoridade e dignidade de forma não lhe eram desprovidas, em verdade, no entanto apenas estando sentado ou sobretudo parado; além disso era de talhe comprido mas não esquelético, e de belas feições, cãs e pescoço grosso; e, no entanto, pondo-se em marcha os joelhos titumbeavam incertos, e muitas coisas o desabonavam, estivesse em atividade trivial

⁶ SENECA MINOR. Op.cit.

⁷ HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Trad.bras. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.432b.

⁸ SUETONIUS. Op.cit.

ou séria: um riso indecente, uma torpíssima ira de esgar espumante e narinas escorrentes, e um tique de língua e de cabeça que sempre, ao menor esforço, tornava-se um tremor máximo.”

Surpreende encontrar uma corroboração histórica precisa para o retrato do imperador fornecido na sátira, evidentemente sem os comentários virulentos sobre a dicção de Cláudio. De qualquer forma, isto torna claro que Sêneca não deixa, apesar das deformações que promove, de tomar elementos da realidade histórica para sua sátira. Por outro lado, os elementos históricos tomados no texto servem para dar verossimilhança literária, por levar o público a reconhecer no personagem uma figura deveras existente e tornar assim a sátira pessoal mais eficaz e demolidora. É isto o que exatamente acontece logo em seguida, com a convocação de ninguém menos que o fortíssimo Hércules para indagar junto ao forasteiro suas intenções:

“Tum Iuppiter Herculem, qui totum orbem terrarum pererraverat et nosse videbatur omnes nationes, iubet ire et explorare, quorum hominum esset. Tum Hercules primo aspectu sane perturbatus est, ut qui etiam non omnia monstra timuerit. Ut vidit novi generis faciem, insolitum incessum, vocem nullius terrestri animalis sed qualis esse marinis beluis solet, raucam et implicatam, putavit sibi tertium decimum laborem venisse. Diligentius intuenti visus est quasi homo.” (Apoc, V)⁹

“Então Júpiter mandou Hércules, que tinha vagado por todos os recantos da terra e era versado em todas as nações, ir e investigar o que era aquele homem. E Hércules ficou sem dúvida perturbado ao primeiro exame, ainda que não temesse a todos os demais monstros. Como tivesse visto a face de um novo gênero, a marcha insólita, a voz própria de nenhum animal terrestre, mas qual à de um ser marinho feroz assemelhada, rouca e inarticulada, ponderava se lhe tinha chegado afinal um décimo terceiro trabalho. Examinando-o mais detalhadamente, parecia-lhe quase humano.”

No trecho acima citado, é evidente a engenhosidade do autor em tomar a natural contradição das naturezas humana (Cláudio) e divina (Hércules) para explorar o cômico em seus vários aspectos. Inicialmente, a experiência e o porte de Hércules estabelecem uma primeira relação de inferioridade de Cláudio em relação a ele. Em seguida, uma vez mais, o autor explora a má dicção do imperador, exagerando-a ao nível da caricatura. Numa alusão aos famosos trabalhos de Hércules, o autor ainda enfatiza ironicamente o imenso esforço em reconhecer algo de humano em tão disforme figura. Em relação a seu contexto histórico, o texto pode, assim, ser lido como uma intervenção sarcástica à proposta de divinização de Cláudio, num esforço de torná-la socialmente risível. Esta intervenção afirma a representação da figura de Cláudio na *Apocolocyntosis* como um “cômico histórico”, isto é, o que denomino a respeito de “uma dada representação distanciada qualquer que significa, em relação ao seu contexto histórico-social, uma oposição persuasiva a idéias relevantes de quaisquer dos vários sistemas da vida cultural (político, econômico, jurídico, religioso etc.)” (em outro trabalho sob avaliação alhures, 2009). Mas o cômico, conforma

⁹ SENECA MINOR. Op.cit.

Abbagnano, “deriva de uma espera tensa que, de repente, se resolve em nada”¹⁰. Este cômico histórico sofrerá no texto, destarte, um implacável processo, cuja acusação é pronunciada por ninguém menos que Augusto, já divinizado após sua morte, em companhia dos deuses. Após uma breve lacuna, em que Cláudio consegue obter afinal uma audiência junto aos deuses para pleitear sua divinização, seus planos arruinar-se-ão graças à intervenção de Augusto, que, ao tomar da palavra, inicia um processo contra o pleiteador:

“Hic (...) qui vobis non posse videtur muscam excitare, tam facile homines occidebat, quam canis excidit. Sed quid ego de tot ac talibus viris dicam? Non vacat deflere publicas clades intuenti domestica mala. Itaque illa omittam, haec referam (...). Iste quem videtis, per tot annos sub meo nomine latens, hanc mihi gratiam rettulit, ut duas Iulias proneptes meas occideret, alteram ferro, alteram fame; unum abnepotem L. Silanum, videris, Iuppiter, an in causa mala, certe in tua, si aequus futurus es. Dic mihi, dive Claudi, quare quemquam ex his, quos quasque occidisti, antequam de causa cognosceres, antequam audires, damnasti? Hoc ubi fieri solet? In caelo non fit.” (Apoc, X)¹¹

“Este (...) que a vós não é capaz de ser visto a incomodar uma mosca, tão facilmente exterminava homens quanto um cão se estende. Mas o que direi de tantos e tais varões? Não é permitido deplorar calamidades públicas considerando-se os males domésticos. Portanto, que eu omitta aquelas e exponha estes (...). Esse que vedes, por tantos anos escondido sob o meu nome, retribuiu-me esta graça, tendo matado duas Júlias, minhas bisnetas: uma, por ferro; outra, de fome; e um trineto, L. Silano – terás visto, Júpiter, que estás diante de uma causa maligna, ou certamente tua, se esperas absurdo igual. Diz-me, Cláudio, por que a estes todos, aos ou às quais exterminaste, condenaste antes que conhecesses sua causa, antes que os ouvisses? Onde se costuma fazer isso? Que não seja no céu.”

Esta passagem tem um significado relevante para o texto enquanto gênero satírico; com efeito, ao contrário da maior parte que o antecedia, que tomava o real, o sério, o sublime, como pontos de partida para o fantasioso, o risível, o grotesco, o trecho acima toma uma situação “fora da realidade histórica”, por assim dizer, e procede, por meio dela, a um resgate do bom senso, elevando momentaneamente o tom, do disparatado ao argumentativo. Assim, a fala de Augusto nota a profunda discrepância entre a aparência inofensiva de Cláudio e sua natureza interior, capaz de facilmente mandar executar homens. Em seguida, diminuindo ainda mais o distanciamento próprio ao cômico, ele transfere os crimes da esfera pública para a privada, recordando, entre as vítimas do imperador, aquelas que lhe [isto é, a Cláudio] eram mais próximas. Remetendo uma vez mais ao contexto histórico, esta passagem assinala um rápido intervalo no fluxo cômico para reviver, no ânimo do público partidário a que a *Apocolocyntosis* se destina, os graves crimes perpetrados

¹⁰ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad.bras. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.154a.

¹¹ SENECA MINOR. Op.cit.

pelo imperador. Cabe ainda acrescentar que o texto uma vez mais procede a um apagamento, ocultando as complexas tramas no senado e no palácio imperial, e que em muitos casos as sentenças de morte proferidas por Cláudio atenderam a terceiros, inclusive a Agripina, que se valeu de sua influência junto ao marido para fazê-lo mandar matar a bela Domina Lépidia, conforme Tácito (Annales, XII, 64). Retomando o texto e o tom cômico, Cláudio é obviamente negado em seu pedido de divinização e mandado aos Infernos para ser julgado como um mortal qualquer, em mais uma desqualificação de sua figura, portanto. Lá chegando, acodem a ele várias de suas vítimas:

Novissime fratris filia, sororis filia, generi, soceri, socrus, omnes plane consanguinei. Et agmine facto Claudio occurrunt. Quos cum vidisset Claudius, exclamat: panta philôn plêrê “quomodo huc venistis vos?” Tum Pedo Pompeius: “Quid dicis, homo crudelissime? Quaeris, quomodo? Quis enim nos alius huc misit quam tu, omnium amicorum interfector? In ius eamus, ego tibi hic sellas ostendam.”” (Apoc, XIII)¹²

“E em seguida a filha de seu irmão, a filha de sua irmã, genros, cunhados, cunhadas, de fato todos os parentes. E em bloco feito dirigiram-se a Cláudio. Como Cláudio os visse, exclama: – Tudo está repleto de amigos! De que modo chegastes vós aqui? – Então Pedo Pompeu: – O que dizes, cruelíssimo homem? De que modo, perguntas tu? E quem mais, senão tu, nos mandou deveras para cá, matador de todos os amigos? Vamos à justiça, que eu lhe mostre as cátedras aqui.”

O tom descuidado com que Pedo Pompeu se dirige a Cláudio faz recordar que este já não dispõe mais de sua condição de imperador, reforçando a queda social do personagem, motivo cômico recorrente na cultura romana. Essa queda de prestígio social prepara a cena do julgamento, quando Cláudio terá, finalmente, passado, sem o desejar, ao lado contrário, inferior, submisso, vivenciando assim a situação das vítimas que mandara executar:

“Advocatum non invenit. Tandem procedit P. Petronius, vetus convictor eius, homo Claudiana lingua disertus, et postulat advocationem. Non datur. Accusat Pedo Pompeius magnis clamoribus. Incipit patronus velle respondere. Aeacus, homo iustissimus, vetat, et illum altera tantum parte audita condemnat et ait: aike pathoi ta t’erexe, dikê k’itheia genoito. Ingens silentium factum est. Stupebant omnes novitate rei attoniti, negabant hoc unquam factum. Claudio magis iniquum videbatur quam novam. (..)” (Apoc, XIV)¹³

“Não apareceu advogado. Finalmente adianta-se P. Petrônio, antigo convidado seu, homem versado na língua claudiana, e solicita advocação. Não é dada. Pedo Pompeu acusa com altos clamores. O defensor intenta responder. Éaco, homem justíssimo, nega, e apenas ouvida a outra parte, condena-o e diz: - Como ele infligiu, é-lhe infligido; tal feito é de impecável justiça. Fez-se um silêncio inominável. Todos se abasbacaram,

¹² SENECA MINOR. Op.cit.

¹³ SENECA MINOR. Op.cit.

atônitos pela novidade da coisa, e negavam já ter havido tal fato. Por Cláudio ele era visto como mais iníquo que novo.”

O dito proverbial do juiz Éaco restaura, assim, a justiça, fazendo com que o julgador fosse julgado conforme as regras que ele mesmo ditava. Pouco há que acrescentar a isto, exceto as penas absurdas propostas para Cláudio e, finalmente, a aparição de um antigo liberto deste, Calígula, que o toma na condição de seu meirinho, reforçando o rebaixamento social do ex-imperador. Portanto, o texto tem uma vinculação estreita com o contexto histórico de sua época, procurando, com sucessivas deformações factuais (e, convenhamos, com brilho estilístico também), proceder a uma intervenção decidida na arena das idéias suas contemporâneas.

DISCREPÂNCIA LITERÁRIA, PROJETO POLÍTICO

Do que foi dito atrás, parecia ter-se-me esgotado a matéria das relações entre literatura e história no texto em estudo. No entanto, a *Apocolocyntosis* traz ainda em seu bojo uma informação subreptícia que significa seu sentido político mais profundo. Como foi visto anteriormente, a obra é redigida predominantemente sob o gênero satírico, com passagens predominantemente do sublime ao grotesco, e, em raros momentos, no sentido oposto. No entanto, há uma discrepância ainda mais proeminente no texto: haverá, com efeito, no livro IV, um notável trecho que, discordante de todo o resto da obra, não representa uma passagem, significando um estranhamento em relação ao estilo adotado em todo o resto da obra, o que deixará “evidente que diferentes ocasiões previsivelmente geram modos diferentes de expressão”¹⁴. Instaura-se ali, pela primeira e única vez, o sublime, quando as Parcas tecem a morte de Cláudio e a ascensão de seu sucessor ao canto do próprio Apolo, deus da luz e das artes e, por extensão, da harmonia, do belo e da sabedoria, que assim as exorta:

“ (..) “*Ne demite, Parcae*”
Phoebus ait “vincat mortalis tempora vitae
ille, mihi similis vultu similisque decore
nec cantu nec voce minor. Felicia lassis
saecula praestabit legumque silentia rumpet.
Qualis discutiens fugientia Lucifer astra
aut qualis surgit redeuntibus Hesperus astris,
qualis cum primum tenebris Aurora solutis
induxit rubicunda diem, Sol aspicit orbem
lucidus, et primos a carcere concitat axes:
talis Caesar adest, talem iam Roma Neronem
aspiciet. Flagrat nitidus fulgore remisso
vultus, ed adfuso cervix formosa capillo.” ” (Apoc, IV)¹⁵

¹⁴ DOOLEY, R. A. & LEVINSOHN, S. H. *Análise do discurso*. Trad. bras. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p.26.

¹⁵ SENECA MINOR. Op.cit.

“ (...) “Não tireis nada, Parcas,”
disse-lhes Febo, “que os anos de vida mortal ele exceda,
e seja igual seu semblante ao meu, e lhe não sejam dados
voz nem talento menores. De paz e sossego felizes
anos trará, e o silêncio das leis romperá totalmente.
Qual Lucifer dissipando as da noite elusivas estrelas;
qual vai surgindo já Hésper por trás das estrelas regressas;
qual afugenta as trevas espessas a rósea Aurora,
com o nascer da manhã, e o Sol luminoso o percurso
cumpre, e os primeiros portões atravessa no coche ascendente,
tal modo César advém, e assim Roma a Nero aguarda.
Este, pois, claro semblante deflagra um fulgor cativante,
como as formosas feições de cabelos cacheados envoltas.” ”

Aqui o estilo elevado encontrar-se-á ao serviço de uma causa concreta: o advento de Nero, filho de Agripina e adotivo de Cláudio, em vez de Britânico, filho legítimo do imperador, de seu anterior matrimônio. Havia, com efeito, uma luta em torno de quem seria o sucessor de Cláudio, um tenso conflito político que o texto resolve em prol do adotivo, identificando sua ascensão a uma redenção da própria Roma após as calamidades do reinado de Cláudio. Não havendo transição aqui, o trecho sublime isenta Nero completamente do mundo grotesco representado, preparando assim os espíritos a ver como desejável a subida de Nero ao trono. E aqui a relação com a história traz elementos valiosos e surpreendentes para uma melhor compreensão do texto literário, como se vê em Tácito:

“(.) *At Agrippina ne malis tantum facinoribus notesceret veniam exilii pro Annaeo Seneca, simul praeturam impetrat, laetum in publicum rata ob claritudinem studiorum eius, utque Domitii pueritia tali magistro adolesceret et consilii eiusdem ad spem dominationis uterentur, quia Seneca fidus in Agrippinam memoria beneficii et infensus Claudio dolore iniuriae credebatur.*” (Tac, *Annales*, XII, 8)¹⁶

“Mas Agripina, a fim de se notabilizar não apenas por suas vilanias malvadas, obtém de imediato remissão do exílio em prol de Aneu Sêneca e concede-lhe [a condição de] pretor, sendo-lhe estimada a satisfação do público, por causa da celebridade de seus ensinamentos, e que por tal mestre a infantilidade de Domício amadurecesse, e por meio de seus conselhos se beneficiassem suas esperanças de dominação, de vez que Sêneca era fiel a Agripina por memória de seu benefício, e avesso a Cláudio, devido à dor creditada às injúrias.”

A informação de Tácito afirma, pois, a ligação de gratidão de Sêneca a Agripina, mandante do assassinato de Cláudio, a animosidade de Sêneca em relação a Cláudio, e a influência de Sêneca sobre o sucessor deste, cuja educação lhe coube.

¹⁶ TACITUS. Op.cit.

A *Apocolocyntosis* afirma-se, assim, como um projeto político pessoal do autor, que, sob o vistoso manto do cômico, almeja identificar o sucessor aos interesses não só seus e de seus partidários, mas de toda a urbe. Acrisolado em um mundo celestial de harmonia e equilíbrio, o Nero representado deverá aparecer, ao cabo da leitura, e sem que o texto volte a mencioná-lo, como a única alternativa desejável à elite romana, numa eficaz combinação de talento literário e deliberação política da parte do autor, combinação esta, que no entanto sabemos hoje, asseguraria em breve tempo a Sêneca, e a tantos outros, sua sentença capital.

CONCLUSÕES

Do que foi visto, pode-se concluir: a) a *Apocolocyntosis*, enquanto sátira, possui um caráter partidário que, em seu caso, incide diretamente no âmbito político; b) os procedimentos do autor perfazem a emergência do cômico histórico, com o objetivo de persuadir os espíritos sobre a justiça da oposição a Cláudio; c) o texto não se limita apenas a participar da arena das idéias, mas a executar um projeto político deliberado, que visa a legitimar a sucessão de Cláudio por seu adotivo Nero; d) estilisticamente, a figura de Nero é engrandecida pelo recurso do sublime, que o identifica plenamente a um ideal de harmonia e equilíbrio e o apresenta como a única alternativa desejável à sucessão. Assim, a “aboborização” do divino Cláudio afirma a pertinência de se levar em consideração as relações, por vezes nem sempre evidentes, entre literatura e história, para uma melhor compreensão de nosso passado cultural.

RESUMO

Este artigo investiga a representação do imperador Cláudio na *Apocolocyntosis*, de Sêneca o Jovem, enfatizando: o divertimento quanto aos métodos da História; os procedimentos cômicos; a discrepância literária e o particular partido histórico do autor. Desta forma, ele conta demonstrar a específica relevância do texto no que concerne à História.

Palavras Chave: Sêneca o Jovem; Cômico Histórico; Literatura e História.

ABSTRACT

This article investigates the representation of Emperor Claudius in Seneca the Younger's *Apocolocyntosis*, emphasizing: the mocking on history methods; the comic proceedings; the literary discrepancy and the author's particular historical party. Thus, it aims to demonstrate the specific relevance of the text concerning history.

Keywords: Seneca the Younger; Comic on History; Literature and History.